

# 14

## **Arte para pessoas com deficiência: análise bibliométrica da produção do periódico Educação, Arte e Inclusão (2008-2022)**

**Regina Finck Schambeck**  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
regina.finck@udesc.br | LATTES

**Marilete Terezinha de Souza Pereira**  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
mariletebpereira@yahoo.com.br | LATTES

Recebido em: 25/08/2023  
Aprovado em: 20/12/2023

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/198431781820231e0050>



Esta revista está licenciada com uma *Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão passam pelo *Plagiarism Detection Software | iThenticate*

## **Arte para pessoas com deficiência: análise bibliométrica da produção do periódico Educação, Arte e Inclusão (2008-2022)**

O artigo apresenta um levantamento bibliométrico da produção da Revista Educação, Artes e Inclusão, e engloba um período que corresponde ao primeiro número, publicado em 2008, até o último número, publicado em 2022, num total de 432 artigos publicados. Fazem parte da análise 59 textos sobre a temática Educação, Artes e Inclusão de pessoas com deficiência e temas correlatos, ou seja apenas 13.6% das publicações analisadas, se enquadram na temática evidenciada no título do próprio periódico. Como principais resultados a análise aponta para uma produção de artigos com ênfase nas Artes Visuais. Um dado que também nos chamou atenção, corroborando com outros textos sobre a área de conhecimento, é que 75.83% das autorias sobre essa temática são de mulheres. Os temas das produções se concentram na discussão da inclusão na e pela Arte. Os objetivos dos trabalhos versam sobre a importância de compreender o papel desta na inclusão escolar, mas há, também registros, em menor número, relacionados à inclusão social pela Arte das pessoas com deficiência.

**Palavras-chave:** Inclusão; Deficiência; Artes; Pesquisa Bibliométrica.

## **Art for people with disabilities: bibliometric analysis of content of the Magazine Education, Art and Inclusion (2008-2022)**

The article presents a bibliometric survey of the content of the Magazine Education, Arts e Inclusion, and encompasses a period that corresponds to the first edition, published in 2008, until the last edition, published in 2022, in a total of 432 published articles. 59 texts on the theme Education, Arts and Inclusion of people with disabilities and related themes are part of the analysis, that is, only 13.6% of the analyzed publications fit the theme highlighted in the title of the own magazine. The main results pointed out by the analyzes is the production of articles with an emphasis on the Visual Arts. One fact that also called our attention, corroborating with other texts on the area of knowledge, is that 75.83% of authors on this topic are women. The themes of the productions focus on the discussion of inclusion in and through Art. The objectives of the works deal with the importance of understanding its role in school inclusion, but there are also records, in smaller numbers, related to social inclusion through Art of people with disabilities.

**Keywords:** Inclusion; Disability; Arts; Bibliometric Research.

## Introdução

Neste texto apresentamos os resultados de um levantamento da produção de conhecimento sobre Educação, Arte, Inclusão e seus temas correlatos, no contexto da educação inclusiva de pessoas com deficiência. A base de dados utilizada foi a Revista Educação, Artes e Inclusão<sup>1</sup> (REAI), no período que corresponde ao primeiro número publicado, em 2008, até o último número, do ano de 2022, sendo analisados, portanto, 432 artigos. Justifica-se a escolha desse periódico, pois o mesmo recebe artigos, relatos de experiência e entrevistas de autores brasileiros e estrangeiros, preferencialmente advindos dos campos da Arte e da Educação, que tratam de temas resultantes de estudos teóricos, pesquisas, reflexões sobre práticas concretas, discussões políticas, entre outros.

Para a revisão em tela foram analisadas as produções acadêmicas do REAI, a partir da análise bibliométrica (Guimarães et al., 2021; Pimenta et al., 2017, Hayashi, Hayashi e Martinez, 2008). Os autores Guimarães et al. (2021) defendem que os estudos de natureza bibliométrica possuem papel fundamental para a compreensão da qualidade e do desempenho das atividades de produção científica de conhecimentos, isto é, trata-se de análises que auxiliam a compreender e avaliar as atividades de produção científica de conhecimento. Na concepção de Pimenta et al. (2017, p.2), além de atender a essa finalidade, a análise bibliométrica proporciona o “reconhecimento de escritores e estudiosos, através da divulgação da literatura existente, e contribui para o desenvolvimento de novas formas de conhecimentos”.

Consideramos importante esta análise por meio dos estudos bibliométricos, pois esses mensuram a contribuição do conhecimento científico derivado das publicações da área objeto da pesquisa. Desse modo, entender “comportamentos de publicações científicas de determinado campo de pesquisa, simboliza lançar luzes que levam à compreensão do mesmo” (Pimenta, et al., 2017, p. 3). Conforme orientam os referidos autores, a bibliometria pode apresentar uma série de indicadores sobre a produção científica que visam mensurar a produtividade, estabelecer relações, identificar coocorrência de elementos e interações entre agentes. Nesse sentido, a mesma forneceu subsídios para compreender o que os autores apresentam em termos de pesquisa, se esses continuam pesquisando sobre Educação, Arte, Inclusão e seus temas correlatos ao longo desses 15 anos de publicações simultâneas do periódico REAI, se mantêm regularidade nas publicações sobre o contexto da Educação Inclusiva de pessoas com deficiência e as linguagens artísticas.

---

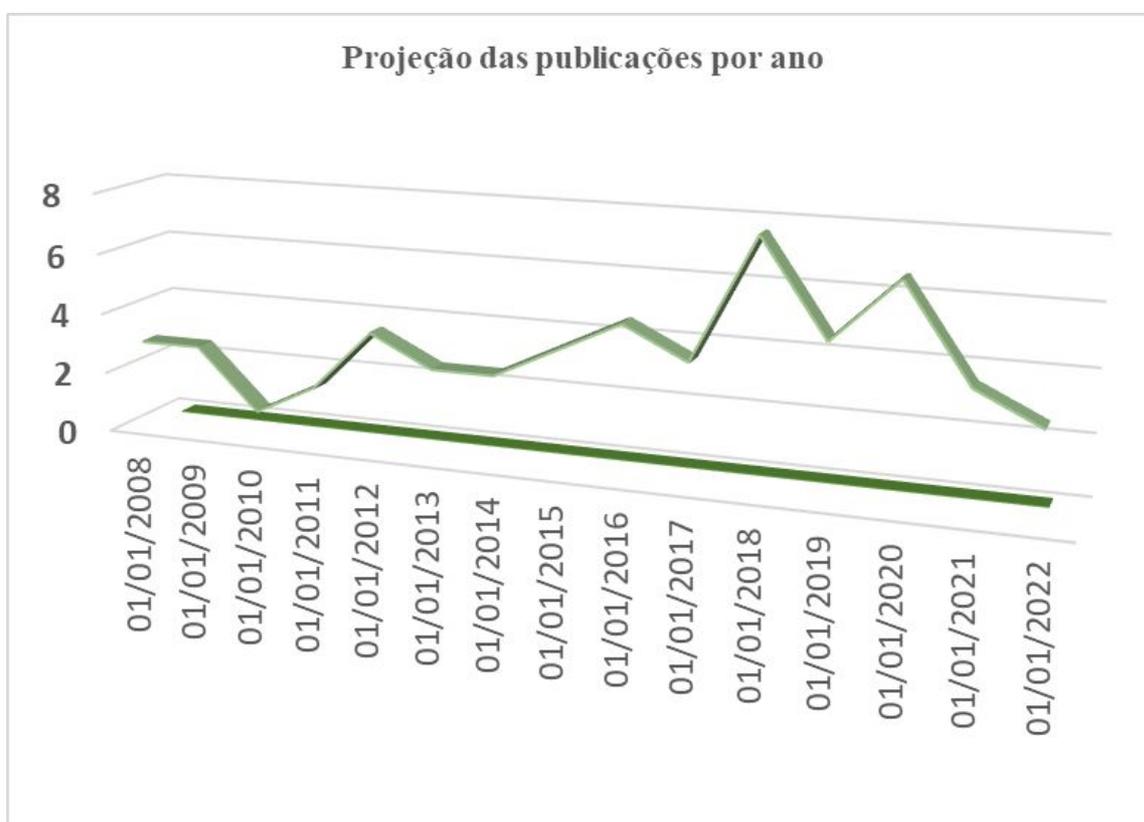
<sup>1</sup> Para saber mais sobre o periódico acessar: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/about>

De acordo com Pimenta et al. (2017, p.10), na prática, a pesquisa bibliométrica pode ser desenvolvida a partir de algumas etapas básicas e essenciais, quais sejam: “as definições base da pesquisa, que estabelece os indicadores de pesquisa, a base de dados utilizadas e o modo como os documentos serão selecionados e padronizados; a consolidação e a análise dos informações obtidas; e ao final, a síntese e a elaboração de relatórios”.

Em consonância com Hayashi, Hayashi e Martinez (2008), para a utilização das metodologias bibliométricas, são necessárias habilidades e competências que podem ser traduzidas nas seguintes etapas: recorrer ao referencial teórico para elaborar categorias de análise; estabelecer relacionamentos entre os dados obtidos; e construir indicadores dos resultados obtidos.

Conforme mencionado acima, a base de análise desse artigo se restringe ao periódico Educação, Artes e Inclusão, precisamente, à toda a produção de artigos de 15 anos (2008 - 2022), cuja temática abrange as palavras-chave: inclusão, deficiência, Artes e suas linguagens. Abaixo apresentamos um gráfico que demonstra a distribuição dos 59 artigos ao longo desse período.

**Gráfico 1 – Distribuição anual das publicações**



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na segunda etapa de análise também foram utilizados os subgrupos desses termos, com as especificações das deficiências: surdez, surdo, deficiência auditiva, deficiência visual, cego, TEA, autismo, síndrome de Down, deficiência intelectual, paralisia cerebral, superdotação, entre outras. Os subgrupos também foram organizados por categorias como: inclusão, inclusivo, inclusiva, Artes Visuais, Música, Dança e Teatro. Ademais, a análise bibliométrica foi utilizada para identificar a autoria das produções dos autores e a coocorrência de produções dos autores e autoras.

Segundo Hayashi, Hayashi e Martinez (2008, p.139),

Os trabalhos que aplicam os métodos bibliométricos geralmente alinham-se a outros referenciais e métodos para enriquecer suas propostas de análise. Mesmo a bibliometria sendo baseada na aplicação de métodos quantitativos, não consegue fugir dos métodos qualitativos de análise. A análise está presente desde o momento da escolha dos campos de informação para o relacionamento entre os dados. O resultado obtido da análise reflete o conhecimento do pesquisador sobre o assunto a ser pesquisado. Por isso, ao obter os indicadores bibliométricos, é necessário contextualizá-los, explorá-los e analisá-los.

Portanto, o emprego de técnicas de bibliometria se mostrou adequado para identificar as características essenciais da produção científica dos artigos, uma vez que se pretendeu demonstrar de que forma os autores têm direcionado suas pesquisas, como a área de conhecimento tem estruturado as práticas pedagógicas nas aulas de Arte e, ao mesmo tempo, até que ponto essas práticas têm contribuído nos processos de ensino, aprendizagem e inclusão de estudantes com deficiência.

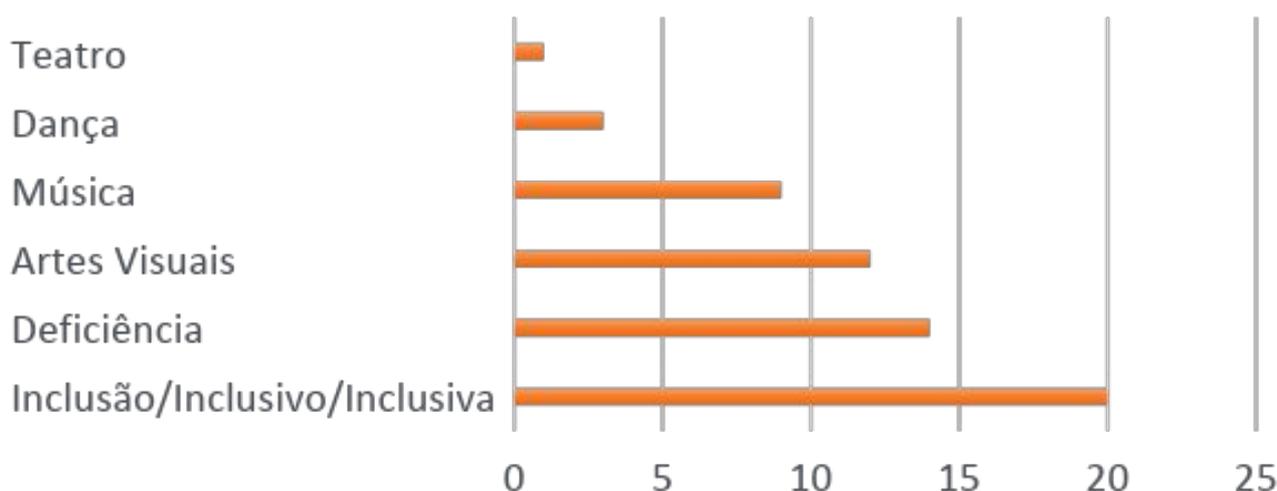
Desse modo, justifica-se esse olhar para cada uma das temáticas abordadas, a fim de que sejam estabelecidas as conexões entre as linguagens artísticas e suas correlações com ensino de Arte, inclusão e deficiência. É importante esclarecer que a classificação dos artigos foi realizada através dos termos-chave indicados pelos autores, porém, em alguns casos, tais termos poderiam direcionar o artigo para mais de uma temática. Ou seja, é possível que os termos-chave façam menção à inclusão, deficiência e música em um mesmo artigo. Assim, optamos por tabular o artigo a partir do termo chave similar àquela categoria estabelecida no título da tabela. Ainda, quando o termo não correspondia exatamente à categoria proposta, o mesmo era incluído na categoria mais genérica. Por exemplo, se os termos-chave relacionavam pessoa com surdez, o artigo era posicionado na tabela denominada “Pessoas com Deficiência”.

## ANÁLISE DE DADOS

A partir da análise das publicações, foram identificados 59 artigos que se relacionavam com os termos-chave mencionados acima. Os trabalhos encontram-se organizados no formato de tabelas e apresentam título, palavras-chave, autores, volume, número e ano das publicações no REAI. Cada tabela apresenta um termo chave como categoria de verificação de publicações. Assim, apresentaremos seis tabelas: a primeira traz 20 artigos que abordam o termo Inclusão/Inclusivo/Inclusiva; a segunda 14 artigos relativos a Estudantes com Deficiência; a terceira 12 textos que contemplam o termo Artes Visuais; a quarta 9 textos relacionados à Música/Educação Musical; a quinta 3 textos referentes à dança; e, por fim, a sexta, 1 texto cujo termo chave era teatro.

**Gráfico 2- Artigos por termos chaves**

### Termos chaves REAI (2008-2022)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os autores são professores, pesquisadores e estudantes de cursos de pós-graduação que submeteram para o REAI, em sua grande maioria, textos oriundos de pesquisas desenvolvidas neste campo. Também há, em menor número, alguns relatos de experiência, além da sessão de entrevistas, nas quais participantes convidados apontam para reflexões sobre o campo da Arte, sobre a inclusão e o ensino da linguagem artística para pessoas com deficiência.

Escolheu-se tal recorte a fim de dar visibilidade para o tema e verificar a produção pós-década de 1990, quando surgiram os primeiros documentos normativos para assegurar aos estudantes com deficiência a inclusão em sala de aula comum, da escola regular.

Com relação à categoria **inclusão**, 20, dos 59 artigos selecionados, fazem menção ao termo no título ou apenas nas palavras-chave.

**Tabela 1 – Inclusão/Inclusivo/Inclusiva**

<b>Título</b>	<b>Palavra-chave</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Volume/ número/ ano</b>
1. FORMAÇÃO DE PROFESSORES ATRAVÉS DA ARTE E INCLUSÃO	Ensino de Arte. Inclusão. Formação de professores.	Adriane Cristine Kirst Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva	v. 1, n.1 de 2008.
2. INCLUSÃO SOCIAL: O DESIGN COMO PARTE INTEGRANTE NO ENSINO DA ARTE	Inclusão. Arte. Cegos. Design social.	Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva Thais de Carvalho Larcher Pinto	v. 2, n.1 de 2009.
3. OS DIFERENTES DISPOSITIVOS DE FABRICAÇÃO DE IMAGENS E ILUSTRAÇÕES TÁTEIS E AS POSSIBILIDADES DE PRODUÇÃO DE SENTIDO NO CONTEXTO PERCEPTIVO DOS CEGOS	Cegos. Inclusão. Acessibilidade.	Dannyelle Valente	v. 2, n.1 de 2009.
4. UM ENCONTRO INCLUSIVO: FAMÍLIA E ARTE NA ESCOLA	Inclusão. Arte na Escola.	Larissa Antonia Bellé.	v.3, n.1 de 2010.
5. GESTO E LINGUAGEM COMO MEDIADORES NO PROCESSO COGNITIVO:ENSINO DE ARTES PARA CEGOS	Mediação. Inclusão. Educação. Inteligências. Cegos.	Ana Lúcia Oliveira Fernandez Gil	v. 6, n.2 de 2012.
6 A CONSTRUÇÃO DE OBJETOS ARTÍSTICOS INCLUSIVOS E INTERATIVOS ATRAVÉS DO PROJETO LAVAIPE	Arte inclusiva. Multisensorialidade. Tecnologia.	Osmar Yang Rebeca Guglielmi Samira Machado Poffo	v. 6, n.2 de 2012.
7. EXPERIÊNCIAS DE ARTE E INCLUSÃO: INTEGRANDO CRIANÇAS E FAMÍLIAS NOS ATELIÊS DE SAN FERNANDO	Relato de experiência. Integração. Família. Escola.	Rita Ricardi Noguera	v. 7, n.1 de 2013.
8. MEDIAÇÃO DE ARTES PARA ESPAÇOS ESCOLARES E MUSEOLÓGICOS COMO FORMA DE INCLUSÃO	Mediação. Arte e Educação. Inclusão. Espaços escolares e/ou culturais.	Jéssica Cristina Braga Juliana Dellê Madalosso Consuelo Alcioni Borba Duarte Schlichta	v. 11, n.1 de 2015.

9. EDUCAÇÃO, ARTE E INCLUSÃO NA PERSPECTIVA MONTESSORIANA	Inclusão. Arte. Educação. Pedagogia Montessoriana.	Raysa Serafim Farias	v. 11, n.2 de 2015
10. ARTE, LOUCURA E ENSINO: POR UMA ARTE-EDUCAÇÃO INCLUSIVA	Artes. Loucura. Educação. Inclusão. Arte-Educação.	Carlos Carvalho Macêdo Janine Alessandra Perini	v.12, n.3 de 2016.
11. ESTUDO DE CASO: A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE PARA O DESENVOLVIMENTO DE UM ALUNO COM PARALISIA CEREBRAL HEMIPLÉGICA	Educação. Artes. Inclusão. Ensino. Arte-Educação.	Sandra Margarete Abello Sirlei Baptista Falck	v.12, n.3 de 2016.
12. FOTOGRAFIA PARA INCLUSÃO DE JOVENS COM NECESSIDADES ESPECIAIS DE EDUCAÇÃO	Educação. Fotografia. Inclusão. Jovens. Artes.	Walter Karwatzki	v.13, n.1 de 2017.
13. CONTRIBUIÇÕES DA ARTE E DO PROFESSOR ARTETERAPEUTA PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA	Educação. Artes. Inclusão. Arte Terapia. Docência.	Camila de Carvalho Vieira	v.13, n.2 de 2017.
14. RECURSOS DIDÁTICOS TÁTEIS NO ENSINO DE ARTE PARA ALUNOS COM SURDOCEGUEIRA	Educação. Inclusão. Surdocegueira. Tecnologias da Informação e Comunicação. Prototipagem.	Alessandra Dutra Vanderley Flor da Rosa Cynthia Lanzoni Costa	v.14, n.2 de 2018.
15. ENTREVISTA COM ADRIANA MAGRO: O ENSINO DA ARTE E OS ESPAÇOS DE SAÚDE MENTAL	Educação. Artes. Inclusão. Saúde. Ensino. Estágio.	Julia Rocha	v.14, n.2 de 2018.
16. ENTREVISTA COM CLÁUDIA SILVANA SALDANHA PALHETA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL	Educação. Artes. Educação Especial. Inclusão.	-	v. 14, n. 3 de 2018.
17. SURDOCEGUEIRA: DESAFIOS DE UMA INCLUSÃO	Educação. Inclusão. Surdocegueira. Desafios Educacionais.	Mariane Della Coletta Savioli Garzotti de Araujo Arieli Maria de Souza Powidaiko Ariane Maria Gonçalves de Souza Natália dos Santos da Silva Barros Sabrina Corandin Chelis	v.14, n.3 de 2018.

18. ENTREVISTA COM KAROL CORDEIRO: UMA HISTÓRIA DE AMOR E LUTA PELA INCLUSÃO ATRAVÉS DA ARTE	Educação. Artes. Inclusão. Síndrome de Aicardi-Goutières.		v.16, n.1 de 2020.
19. O CONTEXTO INCLUSIVO NA ESCOLA: REPRESENTAÇÃO E ESTIGMA NA PERSPECTIVA DE DUAS PROFESSORAS	Contexto Inclusivo. Educação especial. Representação Social. Estigma.	Regina Finck Schambeck	v.16 n.2 de 2020.
20. INCLUSÃO ARTÍSTICA E CULTURAL EM CONTEXTO DE SAÚDE MENTAL	Arte. Atendimento. Inclusão. Psicossocial.	Rosa Iavelberg Adriana Magro	v.16.n.3 de 2020.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os textos relativos aos termos-chave “**Inclusão, Inclusivo e Inclusiva**” foram agrupados na tabela acima, pois consideramos que abordam a mesma temática. Para apresentá-los, organizamos os autores em subcategorias. A primeira trata de textos relativos a ações de extensão universitária ou projetos que descrevem ações de programas com apoio de ONGs ou associações comunitárias.

Nessa subcategoria as autoras Kirst e Fonseca da Silva (2008) abordam, por exemplo, ações desenvolvidas em um Programa de Educação e Arte, na perspectiva de ação inclusiva. Descrevem a formação social através dos conteúdos de Arte e como se deu o desenvolvimento de atividades crítico-reflexivas, implementadas a partir de diferentes estratégias de aprendizagem, tanto em sala de aula quanto no museu de arte. As autoras informam que a produção dos materiais promoveu uma ampliação na formação dos professores e, ainda, do acesso aos conteúdos artísticos numa abordagem inclusiva. Karwatzki (2017) também apresenta resultados de uma ação de extensão, bem como relatos de uma oficina de fotografia desenvolvida em duas escolas públicas, na qual problematizou a discriminação de adolescentes com necessidades especiais de educação. Como resultado da ação, foram realizadas duas exposições com as imagens feitas pelos estudantes ao longo dessa oficina. Da mesma forma, Bellé (2010) explana um relato de experiência sobre o projeto “Sábado Cultural: Integrando a Família e a Escola através da Arte”, desenvolvido com escolas do sistema público de ensino. Yang et al. (2012), por sua

vez, descrevem a criação do Laboratório Virtual de Arte Interativa para Públicos Especiais – LAVAIPE. Nesse laboratório foi abordada a arte contemporânea, utilizando-se de ferramentas tecnológicas, a fim de trabalhar a multisensorialidade para pessoas com deficiência. Como resultado da oficina, uma exposição itinerante circulou por vários espaços educativos com a mostra desses materiais. Nogueira (2013) apresenta as ações de integração de estudantes e suas famílias, realizadas no “Ateliês de San Fernando”, espaço em que as famílias e a comunidade fizeram arte a partir do processo de aprendizagem. Por fim, Lavelberg e Magno (2020), mediante a realização de uma pesquisa-ação com usuários do Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS) no universo da arte, propõem uma oficina com o objetivo de ampliar o repertório cultural das pessoas atendidas. Para as autoras, inserir um campo novo de valores estéticos na ótica do grupo, possibilitou um deslocamento do olhar para o que havia sido “canonizado” como arte, cumprindo, então, segundo as autoras, com o objetivo da pesquisa.

Na segunda subcategoria, referente às ações inclusivas em escolas regulares, encontra-se o artigo de Schambeck (2020), que apresentou um estudo de caso sobre as perspectivas de duas professoras que atuam no ensino fundamental, destacando as concepções sobre práticas pedagógicas, experiências profissionais com inclusão, preconceito, estigma e representações presentes na escola em contexto inclusivo. No estudo evidenciou-se que, nas práticas de sala de aula, as professoras buscaram incluir os alunos, mas, ainda, apesar dos esforços empreendidos, persistiu nas unidades escolares uma cultura na qual não se pode eliminar todos os preconceitos ou convenções presentes na sociedade, inclusive aqueles que pressupõem que alunos com deficiência intelectual pouco poderão aprender no espaço educativo. Coletta et al. (2018) discorrem sobre o resultado de um estudo de inclusão numa Escola Municipal de Educação Infantil com uma aluna surdocega. As atividades englobaram estratégias para o desenvolvimento autônomo no cotidiano escolar dessa criança, que recebia uma hora de atendimento educacional especializado, terapia ocupacional e fonoaudiologia. Ainda, com relação às adaptações para processos de ensino e aprendizagem para crianças surdocegas, temos o trabalho de Dutra et al. (2018), que relatam o emprego de um protótipo da escultura Vênus, de Willendorf, na disciplina de Arte do ensino médio. O protótipo utilizado para trabalhar a percepção da instrutora-mediadora e sua aluna com surdocegueira foi desenvolvido na impressora 3D e mostrou, na prática, a teoria sobre inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular. As autoras alegam que foi por meio desse recurso que a estudante conseguiu compreender os conceitos trabalhados de forma concreta e se sentiu motivada com o resultado do seu trabalho. Destacaram, por fim, a impor-

tância das adequações das estratégias de ensino adotadas para o processo educacional da estudante.

Outras temáticas recorrentes nos textos analisados foram as ações direcionadas para pessoas cegas e a produção de material pedagógico para esse público. Na segunda subcategoria, organizamos textos que abordaram processos de ensino e aprendizagem direcionados para pessoas com deficiência visual. Dentre esses, destacamos o texto de Fonseca da Silva e Pinto (2009), que apresenta resultados de uma oficina realizada com pessoas cegas e videntes sobre a ótica do design social na elaboração de objetos pedagógicos e a sua função no ensino da Arte para estudantes com deficiência visual. Já, Valente (2009) explana em seu artigo os processos de adaptação de conteúdos visuais para cegos. Utilizou imagens ilustrativas táteis, pedagógicas e artísticas, e analisou a compatibilidade e/ou incompatibilidade desses materiais, assim como os signos figurativos que promoviam a compreensão do sistema de representação visual.

A terceira subcategoria é constituída por artigos que tinham como foco os levantamentos bibliográficos. Gil (2012) compila textos que abordaram o desenvolvimento humano, a partir da perspectiva sócio-histórico-cultural e de teorias que privilegiam múltiplas inteligências e saberes, utilizando-se do gesto corporal como instrumento mediador de significações simbólicas e estéticas para pessoas cegas. Braga et al. (2015) fazem uma análise dos Anais da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), no período que compreende os anos 1999 e 2012. O levantamento bibliográfico foi pautado na categoria denominada Mediação na Contemporaneidade e as autoras descreveram quatro perspectivas de abordagem dessas publicações sobre a mediação: relação homem-tecnologia; metodologia para o ensino de Arte; relação que se estabelece entre sujeito e objeto artístico; e, por fim, intervenção pedagógica. O texto de Farias (2015) descreve o contexto da arte em uma escola montessoriana e destaca a importante contribuição dessa pedagogia, uma vez que, sob seus pressupostos educacionais, o aluno é observado dentro dos componentes emocionais, buscando, desta forma, desenvolver a totalidade da personalidade da criança nas relações lúdicas com a arte. Salienta, ainda, que a Educação Inclusiva se faz presente no ensino montessoriano, pois sua base filosófica, organização e estrutura escolar são abertas para a percepção de diferentes raciocínios, culturas e ritmos de aprendizagem. Por outro lado, Macêdo e Perini (2016) apresentam um estudo de característica bibliográfica sobre a definição da arte e as produções artísticas de pessoas diagnosticadas com algum distúrbio ou doença mental. Sob a perspectiva das

autoras, notou-se o quão arbitrária e subjetiva é qualquer conceituação sobre a arte, o objeto artístico e até mesmo o próprio fazer artístico. Nesse sentido, o texto alerta que desconsiderar as produções artísticas das pessoas com distúrbios mentais é reiterar o processo de exclusão ao qual essas pessoas são submetidas.

A quarta categoria diz respeito a artigos com enfoque na subcategoria da Arte como terapia. O texto de Vieira (2017), escrito sob o viés da arteterapia, descreve a importância do professor de Arte na Educação Especial e da inserção de práticas artísticas e terapêuticas voltadas para alunos com necessidades especiais. A autora acredita que a arteterapia teria papel importante nesses espaços educativos, pois estimularia diversas funções e habilidades, a fim de perceber as necessidades de cada educando e visar à aprendizagem. O texto de Abello e Falck (2016), disserta sobre um estudo de caso com um aluno com Paralisia Hemiplégica. Esse aluno foi incentivado, a partir da observação e análise da biografia e da produção artística de Lautrec, a produzir uma releitura de algumas obras desse artista. Como resultado, afirmaram que a deficiência física não deve ser encarada como impeditivo para o desenvolvimento das aptidões artísticas, assim como cabe ao professor propiciar momentos e meios que desenvolvam, através da arte, a criatividade, o senso crítico e estético dos seus estudantes.

Para finalizar a temática inclusão, temos a quinta subcategoria: sessão de entrevistas. Rocha (2018) realizou uma entrevista com Adriana Magro, professora na Universidade Federal do Espírito Santo, que desenvolve pesquisa em processos de arte e visualidades. Na conversa, a artista e professora destaca as ações de arte em espaços expositivos, tal como as relações de arte e saúde. Rocha (2018) também entrevistou a fundadora do “Projeto Angel Hair - Cultura, Arte, Educação e Inclusão”, Karol Cordeiro (2020), que enfatiza as ações da dança inclusiva, mediante apresentações itinerantes em escolas públicas, bem como as palestras em várias cidades do Brasil. Ademais, Cláudia Silvana Saldanha (2018), professora de Artes Visuais da rede pública de ensino do Estado do Pará e da Educação Especial (APAE) desde 2009, foi entrevistada pela editoria da revista e destacou a pesquisa arte como ferramenta transdisciplinar na educação de pessoas com deficiência intelectual, bem como o seu trabalho com atividades em colaboração com os estagiários do grupo. Apresentou, ainda, relatos do trabalho que realiza nas unidades escolares e como tem desenvolvido e ampliado os resultados inclusivos com seus estudantes através da dos cursos de formação continuada e vinculação a grupos de pesquisa.

Ao analisarmos os artigos cujo termo chave é **Deficiência**, encontramos 14 textos:

**Tabela 2 – Pessoas com Deficiência**

<b>Título</b>	<b>Palavra-chave</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Volume/ número/ ano</b>
1. DESENHO INFANTIL: COGNIÇÃO, LINGUAGEM E SURDEZ	Desenho infantil. Linguagem. Cognição. Desenho na surdez.	Liane Carvalho Oleques	v.2, n.1 de 2009.
2. ENSINO DE ARTE E AUTISMO: UM RELATO DE EXTENSÃO	Oficinas de Arte. Autismo. Educação. Afetividade. Walter Benjamin.	Lorena Barolo Fernandes Anita Schlesener Carlos Mosquera Rosanny Moraes Teixeira	v. 5, n.1 de 2012.
3. ENTREVISTA COM LÚCIA REILY. [ENTREVISTA CONCEDIDA A MILKA CARVAJAL]	Mediação. Estratégias pedagógicas. Deficiência.	–	v. 6, n.2 de 2012.
4. EDUCANDO PESSOAS COM DEFICIÊNCIA PARA O MERCADO DE TRABALHO: A ATUAÇÃO DOCENTE	Pessoas com deficiência. Mercado de trabalho. Educação inclusiva.	Maria Inês Tondello Rodrigues Terciane Ângela Luchese	v. 7, n.2 de 2013.
5. PIBID INTERDISCIPLINAR: UM OLHAR SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA ARTE PARA A CONSTRUÇÃO DE OBJETOS PEDAGÓGICOS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS	PIBID Interdisciplinar. Inclusão/exclusão. Artes. Escola. AEE.	Stéfani Rafaela Pintos da Rocha Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva	v.11, n.1 de 2015.
6. ENSINO DE ARTE & ESCOLA BILÍNGUE: RELATO SOBRE EXPERIÊNCIA COM A PROPOSTA TRIANGULAR NA EDUCAÇÃO DE SURDOS SOB A PERSPECTIVA DE VYGOTSKY	Ensino de Arte. Proposta Triangular. Vygotsky. Educação Inclusiva.	Sandra Maria Silva Oliveira Suelene Regina Donola Mendonça	v.13 n. 2 de 2017.
7. EDUCAÇÃO ESPECIAL E O ENSINO DE ARTE: MAPEANDO PRODUÇÕES	Educação. Arte. Arte-educação. Educação Inclusiva.	Patricia Nogueira Aguena Celi Corrêa Neres	v.13, n.3 de 2017.

8. A CONTRIBUIÇÃO DO MODELO SOCIAL DA DEFICIÊNCIA PARA A COMPREENSÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	Modelo Social da Deficiência. Transtorno do Espectro Autista. Estudos sobre Deficiência. Educação Especial.	Solange Cristina da Silva Marivete Gesser Adriano Henrique Nuernberg	v.15, n.2 de 2019.
9. SINESTESIA, ARTE E DEFICIÊNCIA VISUAL: APLICAÇÃO DE UM MÉTODO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA APRECIÇÃO DE PINTURAS POR ALUNOS NÃO VISUAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA	Artes. Educação. Inclusão.	Luís Müller Posca João Henrique Lodi Agreli	v.15, n.3 de 2019.
10. O ENSINO DA ARTE COMO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL NUMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE	Estética. Educação. Arte. Deficiência Intelectual.	Danilo Arnaldo Briskievicz Cibele Silva de Aquino Costa Diego Norberto Souza Enderson de Carvalho Gonçalves. Mariana Lopes de Almeida Leila Mara Siqueira de Oliveira	v.16, n.1 de 2020.
11. UMA PROPOSTA À LEITURA DE IMAGENS POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	Deficiência visual. Audiodescrição. Acessibilidade. Barreiras comunicacionais.	Andressa Dias Gerda Margit Schütz Foerste	v.16, n.3 de 2020.
12. A ARTE NA CULTURA SURDA	Arte. Arte surda. Comunidade Surda. Identidade Surda	Yuri Miguel Macedo Renan Antônio da Silva Felipe Freitas de Araújo Alves	v.17 de 2021.
13. BALANÇO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE ARTE E EDUCAÇÃO ESPECIAL (2003-2017)	Ensino de Arte. Educação Especial. Produção do conhecimento. Pessoa com deficiência.	Taís da Silva Lins João Henrique da Silva	v.17 de 2021.
14. OS BENEFÍCIOS DO USO DO PECS POR PESSOAS AUTISTAS: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO	Autismo. PECS. Comunicação alternativa.	Thamires de Lima Flávia Barbosa da Silva Dutra	v.18, de 2022.

Fonte: Elaborado pelas autoras.



Os textos agrupados na Tabela 2, organizados a partir do termo chave **deficiência**, foram divididos em subcategorias: a primeira trata de textos relativos a ações de ensino relacionados à escola regular e escolas especializadas; a segunda de artigos oriundos de levantamentos bibliográficos; a terceira de artigos cuja ênfase está direcionada para relatos de atividades de extensão universitária ou projetos sociais; a quarta e última sessão apresenta a entrevista realizada com pesquisadores de campo de conhecimento.

Oleques (2009) apresenta em seu artigo as bases dos estudos acerca do desenho infantil e da produção de imagens visuais (desenhos) em situação de privação da palavra por surdez profunda. A autora investigou como se desenvolve o repertório gráfico de uma criança com surdez em relação a uma criança ouvinte. Escreve que, à medida que a criança desenha, ela conta quase em detalhes, através de gestos e Libras, como brincava, se dedicando a desenhar o foco de sua história. Rocha e Fonseca da Silva (2015) sistematizam as contribuições da arte para a construção de materiais didáticos que possibilitem, sob um viés interdisciplinar, o desenvolvimento de uma cultura inclusiva nos estudantes participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), intitulado “Educação Inclusiva na Escola: uma ação interdisciplinar da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC”. O texto apresenta, como resultados, a experiência de desenvolvimento de jogos e a familiarização dos alunos em formação inicial, participantes do programa PIBID, com o cenário escolar. Posca e Agreli (2019) descrevem as adaptações realizadas para o ensino das Artes Visuais, direcionadas para um estudante com deficiência visual na Educação Básica. Em formato de um relato de experiência, o artigo discute a criação e a aplicação de um método didático-pedagógico de ensino-aprendizagem de Artes Visuais, mediante o uso de pranchas táteis, em uma atmosfera sinestésica, com a finalidade de pensar em uma aula de Arte significativa e inclusiva para os alunos com deficiência visual. Por sua vez, Briskievicz et al. (2020) investigaram as relações possíveis entre a estética e a educação, a partir de um trabalho de campo em uma escola municipal de Belo Horizonte/MG, que atendia alunos e alunas com mais de dezoito anos e com deficiência intelectual. Os resultados da pesquisa e da imersão no universo daquela escola demonstraram que a estética e a educação podem promover ganhos expressivos na qualidade do ensino e do aprendizado desses jovens.

Com relação aos processos de ensino e aprendizagem voltados para escolas especializadas, temos o texto de Dias e Foerste (2020), que discute os impactos que as

barreiras comunicacionais, presentes em produtos audiovisuais não acessíveis, podem causar a pessoas com deficiência visual em situações comunicativas diversas. Para tanto, relatam e analisam uma experiência com base em um grupo focal desenvolvido em um instituto de cegos do Espírito Santo. Neste grupo, foram utilizadas imagens dinâmicas e estáticas em duas condições: com e sem audiodescrição. Para os autores, a ausência de audiodescrição em produtos audiovisuais impôs limitações à formação de leitores com deficiência visual, principalmente no que diz respeito aos textos imagéticos, o que comprometeu a leitura de imagens como intertexto, representação e fonte histórica. Esse fato influencia diretamente na construção identitária desses sujeitos, podendo também limitar a aquisição e a transmissão de bens culturais entre gerações de pessoas do mesmo contexto. Oliveira e Mendonça (2017) apresentam um artigo em forma de relato de experiência sobre uma proposta artística realizada numa escola bilíngue para surdos, no interior do estado do Rio de Janeiro. As atividades de ensino da Arte, foram organizadas com base na proposta triangular de Ana Mae Barbosa e no impressionismo, sob a perspectiva de Vigotski. Os resultados apontam que, apesar da dificuldade imposta pela comunicação - nem sempre satisfatória -, houve troca e produção de conhecimento. Nesse sentido, temos também as autoras Rodrigues e Luchese (2013), que procuraram identificar o perfil de professores que ministram o curso de auxiliar de linha de produção para pessoas com deficiência, as quais buscavam o mercado de trabalho. O curso, realizado no SENAI “Nilo Peçanha”, localizado na cidade de Caxias do Sul, é responsável por formar mão de obra para que as empresas enquadradas atendam a Lei de Cotas estabelecida pelo Governo Federal.

Quanto aos textos com enfoque em levantamento bibliográfico, citamos as autoras Aquena e Neres (2017), que apresentam as produções sobre o ensino de Arte para o aluno cego, ministrado em escolas regulares, e aquelas voltadas para a Educação Especial no período de 2000 a 2012. As autoras concluem que ainda há escassez significativa de pesquisas sobre o ensino de Arte no contexto da Educação Especial. Nessa mesma temática, se encontra o levantamento bibliométrico realizado por Lima e Dutra (2022), referente ao Sistema de Comunicação Alternativa e Ampliada denominado PECS, método de comunicação alternativa utilizado em programas de intervenção para indivíduos com autismo que não desenvolveram a linguagem ou que apresentam déficits na fala. Neste estudo, foram analisados, a partir de três bases de dados, trabalhos científicos brasileiros que descrevem os PECS e seus respectivos resultados, sendo mapeados apenas 23 estudos no período de busca, que compreendeu 16 anos. Para as autoras, os artigos refletem ações que promoveram

a comunicação e reduziram os comportamentos típicos do autismo, contudo, salientam o baixo número de trabalhos encontrados, o que, segundo elas, demonstra que a utilização do PECS em pessoas autistas é um tema pouco discutido no Brasil e, portanto, necessita de mais estudos empíricos que demonstrem os efeitos e as experiências da aplicação deste método. Ainda, de cunho bibliográfico e de caráter conceitual, temos o texto de Silva et al. (2019), que pretendeu identificar contribuições do modelo social da deficiência para a compreensão do Transtorno do Espectro Autista. Por fim, os autores Macedo et al. (2021) buscaram textos que abordam a Arte Surda. A partir dessa organização bibliográfica, pretendiam promover reflexões acerca da importância da Arte Surda para os alunos surdos e a Comunidade Surda. O levantamento também deixou em evidência as carências que envolvem o uso dessa arte no cotidiano do surdo, assim como sua relevância e benefícios no auxílio aos processos de inclusão dos surdos na sociedade, tanto para os mesmos quanto para sua comunidade e afins.

Ainda com relação ao termo chave **deficiência**, temos o artigo de Fernandes et al. (2012), que apresenta as oficinas de Artes Visuais para o atendimento na modalidade da Educação Especial – Área de Transtornos Globais do Desenvolvimento, vinculadas ao Projeto de Extensão Universitária da Faculdade de Artes do Paraná (FAP), em parceria com a Escola de Educação Especial Alternativa, na cidade de Curitiba. O projeto foi desenvolvido entre os anos 2002 e 2006, e promoveu vivências artísticas a fim de colaborar com a estimulação, bem como a participação dos alunos com autismo em abordagens pedagógicas centradas na sensação e na experiência tátil e visual. O trabalho destacou que a dimensão da afetividade no processo pedagógico pode promover a interação desses alunos com o meio e com a arte.

Por fim, no subgrupo das entrevistas, cuja temática foi a deficiência e suas relações com a arte, temos a entrevista com a pesquisadora e educadora Profa. Lúcia Reyli, concedida à Milka Carvajal. Reily é conhecida na área da Educação e da Educação Especial por, ao longo de sua vida acadêmica, ter publicado diversas pesquisas nesses campos de conhecimento em intersecção com as artes. Nessa entrevista, Reily reafirma o quanto as artes auxiliam na ampliação de relações entre indivíduos com limitação cognitiva e/ou social com o mundo externo. Para ela, a qualidade das interações sociais enriquece a autoestima através do reconhecimento de suas potencialidades, proporcionada a aprendizagem e rompe com barreiras cognitivas, afetivas e sociais.

Nas linguagens artísticas, o levantamento aponta para um maior número de artigos com temática relacionada à linguagem das **Artes Visuais**, conforme podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 3 - Artigos com ênfase nas Artes Visuais

Título	Palavra-chave	Autor(es)	Volume/ número/ ano
1. EU NÃO TIVE FORMAÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ARTES VISUAIS EM TURMAS ONDE ESTUDAM EDUCANDOS CEGOS	Educação Inclusiva. Educandos cegos. Artes Visuais.	Tatiana dos Santos da Silveira	v.1, n.1 de 2008.
2. ARTES VISUAIS E INCLUSÃO: O SIMBOLISMO NA EXPRESSÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS	Educação inclusiva. Educandos com necessidades Educacionais especiais. Artes Visuais.	Ana Luiza Ruschel Nunes Aline Horst Michele Spall	v.1, n.1 de 2008.
3. AS ARTES VISUAIS COMO MEDIAÇÃO NA SUPERAÇÃO DA HIPERATIVIDADE: UM ESTUDO DE CASO	Artes Visuais. Educação. Mediador. Hiperatividade. Déficit de atenção.	Luzita Maria Erichsen Ana Luiza Ruschel Nunes	v. 4, n.1 de 2011.
4. MASC/NAE: MUTAÇÕES, PARCERIAS E INCLUSÃO	Museu de Arte. Ações educativas. Projetos em parceria. Inclusão.	Maria Helena Rosa Barbosa	v. 4, n.1 de 2011.
5. REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE PARA UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA INCLUSIVA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS	Educação Especial. Formação docente. Inclusão e ensino de Artes.	Cristiane Alves Freitas	v. 7, n.1 de 2013.
6. ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS VISUAIS NO INSTITUTO DOS CEGOS DA PARAÍBA ADALGISA CUNHA	Deficiência visual. Ensino de Artes Visuais.	Maria das Graças Leite de Souza Robson Xavier da Costa	v.12, n.1 de 2016.
7. O ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO	Educação especial. Trabalho pedagógico. Altas habilidades. Artes visuais.	Juliana Moreno Cavalheiro Vera Lucia Penzo Fernandes	v.12, n.2 de 2016.
8. ENSINO DA ARTE E INCLUSÃO: RELATOS DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM AULAS DE ARTES VISUAIS NO COLÉGIO PEDRO II	Educação. Ensino da Arte. Inclusão. Deficiência visual.	Leila Gross Monique Andries Nogueira	v.12, n.3 de 2016.
9. ENTREVISTA COM GABRIELA AIDAR: PROGRAMAS EDUCATIVOS INCLUSIVOS E EDUCAÇÃO MUSEAL	Educação. Artes. Museus. Inclusão.	-	v.14, n.4 de 2018.

10. ARTES VISUAIS, DIVERSIDADE E INCLUSÃO: A POÉTICA EXPRESSIVA DE ADULTOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	Deficiência visual. Poética em Arte Visual. Percepção sensorial. Metodologia.	Ana Luiza Ruschel Nunes Ester Teixeira Okita	v.15, n.2 de 2019.
11. ARTE SURDA NA ESCOLA INCLUSIVA	Artes visuais. Arte surda. Educação Infantil. Ensino de Arte.	Adriana Moreira de Souza Corrêa Rafaella Pereira Chagas Aparecida Carneiro Pires	v.17 de 2021.
12. O DESENHO DE CRIANÇAS E JOVENS NA ESCOLA: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	Desenho. Deficiência Intelectual. Escola	Daiane Santil Costa	v.18, de 2022.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os textos de Silveira (2008), Nunes, Horst e Spall (2008) abordam experimentações artísticas teórico-práticas de Artes Visuais junto a crianças com deficiência, que foram desenvolvidas em sala de aula pelas próprias professoras pesquisadoras. Ao mesmo tempo as autoras Gross e Nogueira (2016) dissertam a respeito da intermediação da imagem no Ensino da Arte, com atividades que resgatam práticas pedagógicas em Artes Visuais realizadas por arte-educadores, ministradas em turmas de estudantes em contexto de inclusão de alunos com deficiência.

Já o texto de Souza e Costa (2016) analisa a viabilidade do ensino de Artes Visuais para crianças com deficiências visuais e traça um paralelo entre as políticas públicas e o atendimento ao aluno, tendo como referência os documentos que versam sobre a Educação Especial.

As especificidades da intermediação da imagem no Ensino da Arte para alunos com deficiência visual foi tratada por Gross e Nogueira (2016), que indicam alternativas e processos para a formação dos profissionais da área de Arte para inclusão e diversidade das pessoas com deficiência visual, nos espaços educacionais formal e não-formal, na escola regular ou na escola especial, objetivando a inclusão da arte para cegos.

Para Nunes e Okita (2019), desenvolver as qualidades sensoriais específicas direcionadas à Arte Visual é primordial para o desenvolvimento da criatividade individual, articulando percepção sensorial (tato, olfato e audição) num processo de imaginação, emoções e conhecimento. Com foco em obras da artista plástica surda Nancy Rourke, as autoras Corrêa, Chagas e Pires (2021) desenvolveram em sala de aula atividades pedagógicas voltadas para cada turma, de modo a

permitir que os seus alunos, através da arte, conhecessem e discutissem a diversidade humana retratada nas pinturas.

Assim, os textos acima, em sua grande maioria, direcionam suas temáticas para análises de práticas pedagógicas de Artes Visuais e são oriundos de pesquisas realizadas pelas próprias autoras.

Quanto aos aspectos metodológicos utilizados, Erichsen e Nunes (2011) se valeram da observação em sala de aula para a coleta de dados. As autoras Cavalheiro e Fernandes (2016) detalham as práticas de ensino de Artes Visuais mediante a realização de questionários e entrevistas com professores. Por outro lado, Gross e Nogueira (2016) utilizam-se de grupos focais que foram realizados com alunos. Ainda, nos textos de Freitas (2013) e Costa (2022), nota-se a opção pela sistematização e organização de trabalhos que versavam sobre a formação de professores, a partir de revisão de bibliografia. Estes textos estão voltados para os relatos de práticas de formação de professores mediadas pelo fazer artístico e se concentram nas dificuldades de aprendizagem do aluno. Freitas (2013), por exemplo, mediante um estudo de natureza bibliográfica, aborda as concepções e ideologias que têm orientado a prática pedagógica e busca identificar nos textos as contribuições para a formação dos futuros professores de Artes no que diz respeito ao processo de inclusão das pessoas com necessidades especiais na Educação Básica e na construção de uma prática mais inclusiva no ensino de Artes Visuais.

Os textos relacionados na tabela 3 contribuem para o estabelecimento de propostas de ensino em Artes Visuais que auxiliam o leitor organizar, aprofundar, refletir e sistematizar os temas inclusão, educação crítica, ensino de Arte e formação de professores.

Vale destacar que na temática de ensino das Artes Visuais, em contexto de inclusão de pessoas com deficiências, se destacam as publicações da professora e pesquisadora em Artes Visuais Ana Luiza Ruschel Nunes, com três publicações datadas em 2008, 2011 e 2019. As demais autoras publicaram no REAI apenas um artigo entre 2008 e 2022. Outra observação interessante a se mencionar é que, dentre todos os artigos analisados com foco no ensino de Artes Visuais, há apenas um autor que escreveu seu texto em coautoria, Robson Xavier da Costa (2016). Dado este que reforça a constatação de que são as mulheres que têm se dedicado mais na produção de pesquisas neste campo de conhecimento.

A menção a processos educativos em **Museus**, subcategoria das Artes Visuais, aparecem em duas publicações. O texto de Barbosa (2011) apresenta uma síntese da história do Museu de Arte de Santa Catarina (MASC) e do setor educativo implantado no museu, no ano de 1987, bem como algumas ações educativas desenvolvidas a partir do ano 2000 pelo Núcleo de Arte-Educação (NAE), com o propósito de oportunizar o acesso dos diferentes públicos a este patrimônio artístico-cultural. O artigo descreve a ação da aproximação com a ACIC por meio de uma proposta de “mediação diferenciada”, com algumas obras do acervo do MASC e exposições temporárias, assim como por meio da parceria com o LEDI/CEAD/UDESC

O segundo texto diz respeito a uma entrevista com a especialista e mestre em Estudos de Museus de Arte, Gabriela Aidar. Sua participação na série de entrevistas do REAI se deu pelo fato dela ter atuado como coordenadora dos Programas Educativos Inclusivos do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Experiência, essa, que influenciou a implementação de museus acessíveis em todo território nacional.

Na sequência da tabulação dos artigos, publicados no periódico REAI (2008-2022), com menor número, aparecem as pesquisas com ênfase na **Música e/ou na Educação Musical**.

**Tabela 4 – Artigos com ênfase em Música/Educação Musical**

Título	Palavra-chave	Autor (es)	Volume/ número/ano
1. AÇÕES PEDAGÓGICAS PARA INCLUSÃO DE ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NUMA ESCOLA DE MÚSICA DE SÃO PAULO: RELATO DE CASO	TEA. Educação musical. Música. Educação inclusiva. Ações pedagógicas.	Viviane dos Santos Louro	v. 10, n.2 de 2014.
2. APRENDIZAGEM MUSICAL E DISTÚRBO DO PROCESSAMENTO AUDITIVO CENTRAL: RELATO DE UM CASO	Processamento auditivo. DPAC. Aprendizagem musical. Inclusão. Formação de professores.	Viviane dos Santos Louro Gisele Masotti Moraes Renan Sergio Freitas	v. 10, n.2 de 2014.
3. ENSINO DE MÚSICA: PERSPECTIVAS DE UMA PROFESSORA SURDA	Surdez. Professora surda. Educação Musical. Educação Especial. Conservatório Cora Pavan Capparelli.	Regina Finck Schambeck Vívian Leichsenring Kuntze	v. 9, n.1 de 2014.

4. PRÁTICAS MUSICAIS EM SALA DE AULA INCLUSIVA	Pedagogia Waldorf. Educação Musical. Inclusão.	Francisca Maria Cavalcanti Regina Finck Schambeck	v. 11, n.2 de 2015.
5. RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO MUSICAL E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CENÁRIO BRASILEIRO	Transtorno do Espectro Autista. Educação Musical. Educação Musical Especial.	Daniele Pincolini Pendeza Iara Cadore Dallabrida	v. 14, n. 3 de 2018.
6. O ENSINO DA MÚSICA E UMA JOVEM COM SÍNDROME DE DOWN: RESULTADOS DE UM PROJETO DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO	Síndrome de Down. Ritmo. Música. Batimentos corporais. Instrumento musical.	José Alberto Silva Rocha Estrela da Conceição Nogueira Paulo Antônio José Pacheco Ribeiro	v. 14, n. 3 de 2018.
7. EDUCAÇÃO MUSICAL E INCLUSÃO: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS DE PROFESSORES DE MÚSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL	Prática docente. Professores de Música. Alunos com deficiência. Educação Básica.	Crislany Viana da Silva Cristiane Maria Galdino de Almeida	v. 14, n. 4 de 2018.
8. O SOM DO SILÊNCIO: VIBRAÇÕES DA MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO SOCIOCULTURAL DA CRIANÇA COM ESPECTRO AUTISTA	Educação Infantil. Espectro Autista. Música. Inclusão.	Garbareth Edianne Mattos Rita Buzzi Rausch Amanda Lang	v.16, n.1 de 2020.
9. A UTILIZAÇÃO DOS MÉTODOS ATIVOS NA EDUCAÇÃO MUSICAL ESPECIAL COM DEFICIENTES INTELECTUAIS	Educação Musical. Deficiência intelectual. Métodos ativos.	Claudia Caetano de Oliveira Costa Eliton Perpetuo Rosa Pereira Diana da Silva Teixeira	v.17 de 2021.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Dos nove textos com ênfase no ensino de Música para o contexto de inclusão de alunos com deficiência, identificamos três que apresentaram foco nas práticas musicais direcionadas para estudantes com TEA (Transtorno do Espectro Autista). São eles: Louro (2014); Pendeza e Dallabrida (2018) e Mattos, Rausch e Lang (2020). Na tabela acima podemos observar que os textos de Costa, Pereira e Teixeira (2021) e Cavalcanti e Schambeck (2015) abordam a Música para alunos com deficiência intelectual, já Louro, Moraes e Freitas (2014) apresentam um artigo com práticas musicais direcionadas para alunos com deficiência auditiva, e Kuntze e Schambeck (2014) relatam os desafios de uma professora surda para atuar em sala de aula de uma escola de música. Por fim, Rocha, Paulo e Ribeiro (2018) descrevem práticas musicais direcionadas para alunos com síndrome de Down.

De modo geral, os textos focam em ações ou práticas pedagógicas que visam incluir estudantes, seja em escolas de música, em atendimentos individuais e de caráter terapêutico, ou em contexto de sala de aula inclusiva na escola regular.

Foi possível perceber, também, que os autores buscaram fundamentos teórico metodológicos para dar suporte e orientar essas práticas pedagógicas. Encontrou-se menção à Pedagogia Waldorf, apoiada na Antroposofia no texto de Cavalcanti; Schambeck (2015) e o texto de Costa, Pereira e Teixeira (2021) fazem a indicação aos métodos ativos em Educação Musical, utilizados para guiar as propostas de ação pedagógica musical.

As pesquisas no âmbito da **Música/Educação Musical** e com foco em alunos com deficiência, de modo geral, se deram em contexto de sala de aula e contaram com técnicas de coleta como a investigação-ação, observação participante e entrevistas semiestruturadas. Naturalmente, os estudos com uma linha de tempo mais estendida apresentaram resultados mais claros e com indicativos para os avanços alcançados nos processos de aprendizagem. Nestas pesquisas os autores utilizaram-se de registros dos planos de aulas, relatórios e vídeos, além de acessos a arquivos pessoais dos pesquisadores.

De modo geral, os autores destacam que os professores de Música enfrentam diversos desafios nas práticas docentes e indicam desde a precariedade dos sistemas escolares, a falta do apoio pedagógico em sala de aula, até a limitação da formação inicial e continuada para dar conta dessas demandas. Aliás, esse parece ser o maior desafio apontado. Isto é, ao mesmo tempo que estratégias pedagógicas são mencionadas para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência, vários textos apontam para a necessidade de criação de recursos pedagógicos complementares. Dentre eles, a adaptação de instrumentos musicais de acordo com a necessidade específica de cada estudante e, em algumas situações, quando a escola não consegue atender de forma plena as dúvidas e/ou dificuldades, há busca por ajuda e orientações de outros profissionais, principalmente dos profissionais da Educação Especial. Parece unânime que as estratégias das ações em sala de aula inclusiva estão subsidiadas por uma ênfase no potencial de todos os alunos e não nos seus déficits e, portanto, de uma Educação Musical pautada no desenvolvimento da autonomia dos estudantes.

**Tabela 5 – Artigos com ênfase na Dança**

<b>Título</b>	<b>Palavra-chave</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Volume/ número/ano</b>
1.SABER SENSÍVEL E ACUIDADE CORPORAL: METODOLOGIA DE ENSINO DE DANÇA A PARTIR DE UM ESTUDO COM ESTUDANTES CEGOS	Saber sensível. Acuidade corporal. Metodologia para o ensino da dança.	Marcia Almeida	• v.15, n.4 de 2019.
2. DANÇA, DEFICIÊNCIA, EDUCAÇÃO ACESSÍVEL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: EXPERIÊNCIAS E TEORIZAÇÕES EM PERCURSO	Dança. Deficiência. Educação acessível. Formação de professores.	Ana Maria Rodriguez Costas	v.16, n.3 de 2020.
3. SINGULARIDADES EM CENA: COMO SUBVERTER A LÓGICA NORMATIZADORA	Inclusão. Normatização. Corpo exotizado. Singularidades. Dança Contemporânea.	Virgínia Laís de Souza	v.18, de 2022.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A Lei 13.278/2016 (Brasil, 2016) inclui as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro nos currículos dos diversos níveis da Educação Básica. Portanto, a dança se constitui em uma das linguagens artísticas que compõem o componente curricular Arte e que deverão estar presentes na escola regular. Sendo a dança uma das manifestações artísticas que tem presença marcante na cultura popular brasileira, visto que se constitui como um veículo privilegiado de expressão de sentimento e comunicação social, parece ser esta a grande oportunidade para o desenvolvimento de processos de ensino e aprendizagem em contexto inclusivo de pessoas com deficiências. Os três artigos publicados no REAI se utilizam dessas possibilidades de variadas formas de expressão do corpo e apresentam sínteses das ações pedagógicas desenvolvidas.

Almeida (2019) faz um relato de experiência desenvolvido em escola pública para alunos cegos. Teve como objetivo proporcionar aos estudantes acuidade corporal para se expressarem através da arte coreográfica. Trabalhou o corpo no espaço, utilizando as qualidades do movimento, peso/força, fluência, tempo e espaço. O estudo resultou em uma metodologia para o ensino da dança, primeiramente para alunos cegos e surdos, o que foi expandido para dançarinos profissionais, estudantes de graduação em Dança e em Teatro.

Na mesma perspectiva, Costas (2020) apresentou experiências e reflexões de uma

docente atuante em disciplinas dedicadas a teorizações e práticas, em uma perspectiva inclusiva, em cursos de graduação em Dança, com foco voltado para as metodologias e proposições a serem desenvolvidas com alunas e alunos que atuarão na docência e em outros segmentos sociais, ou seja, a sala de aula vista como espaço de composições e encontros na diversidade.

Souza (2022), numa abordagem anticapacitista, corrobora com estudos de inclusão e Artes, e sinaliza para a potência dos artistas com deficiência quando não estão sujeitos aos padrões da normatização. Portanto, se utiliza da dança contemporânea para refletir sobre como a normatização tem afetado o universo das artes do corpo. No artigo, apresenta trabalhos que conseguem garantir a existência da diversidade no palco, promovendo o debate que parte da singularidade, não da padronização corporal.

Nos 432 artigos publicados no REAI, apenas uma produção foi encontrada para o termo chave **Teatro** em contexto de inclusão de pessoas com deficiência.

**Tabela 6 - Artigo com ênfase no Teatro**

Título	Palavra-chave	Autor(es)	Volume/ número/ano
1. A LINGUAGEM TEATRAL NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS: UMA EXPERIÊNCIA TÉORICO-PRÁTICA DE FORMAÇÃO DOCENTE	Educação de jovens e adultos. Necessidades educacionais especiais. Formação docente.	Carlos Soares Barbosa	v.15, n.4 de 2019.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

O texto de Barbosa (2019) apresenta o relato de bolsistas do Programa PIBID e procurou analisar as experiências e aprendizados construídos a partir do projeto de alfabetização e letramento com uso da linguagem teatral, direcionados para estudantes com necessidades educacionais especiais de duas turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e da Educação Especial. Os resultados apontam que o teatro pode ser um importante aliado para diminuir as dificuldades de aprendizagem de estudantes com necessidades educacionais especiais, uma vez que contribui para a permanência deles na escola ao promover a elevação da autoestima e

maior domínio da leitura e da escrita. Destacam, também, a necessidade de a formação docente dar maior atenção à diversidade e de se pautar na perspectiva da inclusão.

**Gráfico 3- Distribuição dos artigos por público-alvo**



Fonte: Elaborado pelas autoras

Com relação às especificações do público-alvo das ações de Educação em Artes, menção para estudantes **Surdos** (2), **Surdez** (2), **Surdocegueira** (2) e para estudantes **Cegos** (6) e **Deficiência visual** (5). Há ainda menção a trabalhos desenvolvidos com o público-alvo do **Transtorno do Espectro Autista – TEA** (4), **Autismo** (2) e **Deficiência intelectual** (3), **Deficiência mental** (3). Por fim, encontramos menção apenas a um artigo para cada uma das deficiências, cujo público-alvo focou em **Síndrome de Down**, **Paralisia cerebral hemiplégica**, **Hiperatividade e déficit de atenção** e **Superdotação**. Não encontramos nenhum artigo que mencionasse **Deficiência física** como foco de pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES

Foi possível identificar que predominaram as pesquisas defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Artes e, basicamente, com ênfase na modalidade de Artes Visuais. Os temas das produções se concentram na discussão da inclusão **na** e **pela** Arte, seguido

do ensino de Arte. Os objetivos dos trabalhos versavam sobre a importância de compreender o papel desta na inclusão escolar, mas há, também registros, em menor número, relacionados à inclusão social pela Arte das pessoas com deficiência. Ao mesmo tempo, foram encontrados trabalhos que evidenciam a relevância da mesma na educação formal e não-formal.

De maneira geral, os resultados dos estudos sinalizam que a Arte em contexto inclusivo apresenta muitos benefícios relacionados a uma melhora na qualidade de vida, interação social e nos ganhos cognitivos das pessoas com deficiência. Porém, poucos artigos enfatizaram como se dão os avanços pedagógicos, poucos demonstraram ou relataram ações e práticas realizadas pelos docentes em um contexto de educação. Da mesma forma, foram poucos os trabalhos que apresentaram ênfase nos processos formativos para o professores que atuam nesse contexto, ou ainda, em qual papel as instituições de ensino superior desempenham na formação inicial e continuada de professores de Arte, no sentido de prepará-los para atuar no contexto de inclusão com estudantes com deficiência.

É possível concluir, que a análise bibliométrica da produção do REAI sobre Inclusão, Arte e Deficiência é relevante, mas que tem sido produzida em menor número que outros campos de conhecimento, se considerarmos que dos 432 artigos publicados apenas 59, ou seja, apenas 13.6% das publicações analisadas, se enquadram na temática evidenciada no título do próprio periódico. Um dado que também nos chamou atenção, corroborando com outros textos sobre a área de conhecimento, é que, em sua grande maioria, 75.83% das autorias sobre essa temática são de mulheres. Apenas 24.17% correspondem a publicações de homens, com 3 artigos escritos unicamente por autores. Assim, 17 dos 22 são coautores em artigos escritos também por mulheres. Ainda com relação à coocorrência de artigos escritos por pesquisadoras, vale destacar que, dentre as que mais publicaram nas temáticas inclusão, deficiência e Arte no periódico REAI, se encontram as professoras Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva (2008, 2009 e 2015), Ana Luiza Ruschel Nunes (2008, 2011 e 2019), Regina Finck Schambeck (2014, 2015 e 2020) e Viviane Louro com 2 artigos publicados em 2014. Isto nos mostra que as autoras mantêm certa regularidade na produção de pesquisa nesse campo e que, juntamente com suas orientandas e seus orientandos, discentes de pós-graduação ou de iniciação científica, buscam publicar seus achados no REAI como forma de ajudar a consolidar a área.

Outro ponto que se observou a partir das análises dos artigos é que, nos últimos

números do periódico REAI, encontramos publicações em menor número se comparadas às publicações das outras temáticas que se encontram presentes no escopo de publicações do periódico. Acreditamos que esse fato pode estar relacionado ao período da pandemia da Covid 19, que interveio significativamente nas práticas pedagógicas relacionadas ao contexto de inclusão e, por consequência, na produção de pesquisas, cujas temáticas envolviam a participação e estudos relacionados às pessoas com deficiência no contexto escolar.

Portanto, esse levantamento propõe um repensar da área, visto que uma das consequências da diminuição de artigos acadêmicos pode estar relacionada com o menor número de pesquisas que estão sendo realizadas sobre a temática junto aos programas de pós-graduação. Por fim, a discussão da apropriação do conhecimento artístico pelas pessoas com deficiência ainda é uma necessidade constante para a formação de professores e as políticas públicas precisam estar atentas aos novos direcionamentos da área, na tentativa de evitar retrocessos aos ganhos alcançados até então.

## REFERÊNCIAS<sup>2</sup>

BRASIL, **Lei nº 13.278, de 2 de Maio de 2016**, que altera o §6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte.

GUIMARÃES, A. J. R. et al. **Modelos de inovação**: Análise bibliométrica da produção científica. *Brazilian Journal of Information Science: Research trends*, vol.15 publicação contínua, 2021, e02106. doi.org/10.36311/1981.1640.2001.v15.e02106

HAYASHI, M. C.; HAYASHI, C.R.; MARTINEZ C. M. Estudos sobre jovens e juventude: diferentes percursos refletidos na produção científica brasileira. **Educação, Sociedade & Culturas**, Universidade do Porto, v. 27, 2008, p. 131-154. Disponível em: [https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC27/27\\_cristina.pdf](https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC27/27_cristina.pdf)  
Acesso em: 09 mar. 2023.

PIMENTA, A. A., et al. A bibliometria nas pesquisas acadêmicas. **Scientia - Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão**, vol. 4, nº. 7, 2017, p. 1-13, doi.org/10.20396/rdbci.v17i0.8652810. Acesso em 25 jun. 2022.

---

<sup>2</sup> Optamos por não relacionar os 59 artigos nas referências uma vez que se tratam de **textos publicados exclusivamente no Periódico Educação, Artes e Inclusão** e que seus títulos, autores, volume, número e ano de publicação estão relacionados nas tabelas apresentadas no corpo do artigo.

@revistaeai

revistaeducacao  
arteinclusao@  
gmail.com

(48) 3321-8314

revista   
**eai** educação,  
artes &  
inclusão